

A FÁBULA DA METRÓPOLE: A cidade do ponto de vista de crianças moradoras de condomínios fechados de luxo¹

Marina Rebeca Saraiva
Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia / UNICAMP
E-mail: marinarebeca@yahoo.com.br

Resumo:

A pesquisa busca compreender os diferentes aspectos imbricados no processo de socialização de crianças moradoras de condomínios fechados de grande porte, na intenção de dar continuidade à pesquisa de graduação (Viver entre muros: o privado como produtor de novas relações sociais) onde se revelou que a opção por condomínios fechados funda modelos de morar e de viver enquanto símbolos de status e prestígio social, destacando-se a distinção nós (moradores) x eles (demais cidadãos). Parte-se da hipótese que as crianças moradoras de condomínios fechados estão inseridas em um contexto sociocultural cuja captação de experiências encontra-se engendrada por mecanismos de reprodução social que legitimam formas de segregação e distinção (BOURDIEU, 1996). Tem como objetivo desvendar uma possível reprodução de valores e estilos de vida, para isto busca entender como a cidade se expressa no imaginário dessas crianças. Parte-se das seguintes questões: que representações essas crianças têm do mundo “extra muros” ? Que possíveis valores são passados, por seus pais, para elas? Como esse “isolamento” do mundo “lá fora” influencia na possível construção de “mitos” sobre a cidade para essas crianças em vias de inserção e atuação enquanto agentes sociais? Que posição essas crianças teriam frente aos problemas da cidade, já que parecem ser incentivadas por esse sistema segregacional a se tornarem alheias ao que se passa “fora dos muros”?

Palavras-chave: cidade, infância, segregação urbana.

Introdução

Por sua diversidade singular, a cidade é, por excelência, o palco de constituição dos laços sociais contemporâneos. O espaço urbano é, portanto, e sobretudo, uma “invenção social”, como nos indica Roberto DaMatta (1991). Assim, os condomínios fechados de luxo, podem ser percebidos como uma representação sócio-espacial, da possibilidade de constituir uma vida social – percebida como “perigosa” e, portanto, instável na turbulenta metrópole

¹ Trabalho apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil, no GT: Etnografias Urbanas: a casa, a rua, o bairro de uma perspectiva antropológica, coordenado por Wilma Marques Leitão (UFPA) e Neiva Vieira da Cunha (UERJ).

contemporânea – em um sistema de valores relativamente fixo, através da construção de uma forma de habitar que é peculiar nas metrópoles contemporâneas.

A singularidade dessa forma de habitar pode ser balizada, literalmente, a partir da constituição de fronteiras físicas e simbólicas. Ambas possuem variados propósitos e variadas consequências. Segregação, separação, isolamento, apartação, são sinônimos que se confundem em um desses propósitos: *a distinção*, que aparece nesta pesquisa como o fator mais relevante quando se trata deste modelo de moradia. As fronteiras físicas são facilmente identificadas pelo grande muro de concreto que envolve esses empreendimentos, bem como pelo sistema de segurança que os compõem²: câmeras, alarmes, grades, portarias individuais, controle de entrada de moradores e visitantes aos empreendimentos, e equipes de vigilância em viaturas monitorando os espaços 24h por dia. As fronteiras simbólicas são percebidas na maneira como esses espaços estabelecem uma seleção de quem, como, e em que circunstâncias devem entrar no empreendimento, ou mesmo, estar em suas proximidades. Tratando-se dos condomínios de grande porte, que possuem uma estrutura de comércio, lazer e serviços em seu entorno, como: padarias, farmácias, consultórios médicos, lojas de vestuário, restaurantes, lanchonetes, escolas (e até universidade!), dentre outros, a idéia de *muros virtuais* se torna mais latente. Essa *circunvizinhança* instituída é destinada ao uso dos moradores, é construída para atender uma população específica, ou seja, *distinta*, com gostos³ caros e refinados. Assim, apesar de pertencer espacialmente ao território público da cidade, constrange sua utilização por parte dos cidadãos não moradores. Para além da construção de um espaço público idealizado “intramuros”, o entorno desses empreendimentos se caracteriza também pela constituição de um espaço “extra muros”, que organiza padrões de uso do espaço urbano.

Tecidas essas considerações em torno do fenômeno urbano em questão, entro agora no propósito do texto, que tem a intenção de trazer as primeiras pistas etnográficas da minha pesquisa de campo de mestrado realizada até então. A investigação, que ainda se desenrola, procura desvendar, além de outras inquietações, como a cidade “extra muros” se apresenta para crianças moradoras de condomínios fechados de luxo e de grande porte. Para isso, venho desenvolvendo minha pesquisa de campo em um condomínio de grande porte e de luxo, localizado na cidade de Campinas⁴.

² Grande parte desse aparato de segurança é encontrada em condomínios horizontais e verticais. Desde os de grande porte (acima de 100 residências) até os de pequeno porte.

³ Ver BOURDIEU, Pierre. *Gostos de Classe e Estilo de vida* in ORTIZ, Renato. Pierre Bourdieu: sociologia. 2ed. São Paulo: Ática, 1994, p.82-121.

⁴ Por motivos éticos, decidi, por enquanto, não divulgar o nome do condomínio onde realizo minha pesquisa, por ainda não ter finalizado a mesma, e, portanto, não ter obtido de todos os moradores, que participaram e participarão, uma autorização prévia para divulgação do nome do mesmo.

Mais do que uma etnografia urbana que tem nos condomínios fechados de luxo seu alicerce, este trabalho tem o objetivo de trilhar um caminho que nos levará a uma reflexão ainda timidamente explorada nas ciências sociais: a *cultura infantil*, especificamente aquela que se constitui na cidade a partir do fenômeno urbano citado. Essa intenção traz dois caminhos. No que diz respeito à cidade, percebemos uma cultura infantil enquanto produto direto desta forma de morar, ou seja, a cultura infantil anunciada se traduz a partir das relações sociais construídas *para as crianças*. Por outro lado, de modo singular, nos deparamos também com uma cultura infantil fomentada pelas próprias crianças que habitam esses espaços, tratam-se das relações sociais que são construídas *pelas crianças*. Partindo desta segunda visão, correntes da Antropologia da Criança nos alertam, estabelecendo os limites e as possibilidades de uma cultura infantil elaborada *pelas crianças*, ao afirmarem que as crianças possuem uma *relativa* autonomia cultural (COHN, 2005, p.35). Assim, qual seria a medida desta relativa autonomia cultural? Em outras palavras, onde encontramos elementos que possam corroborar com uma cultura infantil produzida *pelas crianças*? E a partir de quais figurações podemos perceber uma cultura infantil que é elaborada a partir da realidade do mundo adulto? Apesar de apresentar essas questões como ponto de partida, talvez não tenha a intenção de respondê-las no momento, devido ao caminho que escolhi seguir neste texto⁵. Por isto, inicialmente, sublimo essas indagações, para tentar dar espaço a composição do cotidiano das crianças moradoras de condomínios fechados de luxo, através de algumas notas etnográficas⁶. E a partir disto, quem sabe, esboçar uma possível resposta para essas questões.

Mas o que é infância? O que significa ser criança? E de quais crianças estamos falando? Ao lidar com estudos da *infância* é de suma importância discutir, a priori, as questões que norteiam as noções de *infância* e *criança*.

SARMENTO (2002) aponta que as crianças são capazes de “construírem de forma sistematizada modos de significação do mundo e de acção intencional, que são distintos dos modos adultos de significação e acção” (p.54). É nesse sentido que o sociólogo propõe uma reflexão sobre o conceito de “culturas infantis”.

[...] as culturas da infância, sendo socialmente produzidas, constituem-se historicamente e são alteradas pelo processo histórico de recomposição das condições sociais em que vivem as crianças e que

⁵ Por tratar-se de um GT que tem como enfoque principal a Antropologia Urbana e não a Antropologia da Criança, acredito ser sensato deixar um pouco de lado as questões teórico-metodológicas relacionadas à infância e a criança, mesmo que em alguns momentos essas questões apareçam como plano de fundo.

⁶ O presente artigo é uma discussão inicial sobre a pesquisa de mestrado em andamento intitulada: *Os filhos da clausura: as expressões da cidade no imaginário de crianças moradoras de condomínios fechados*, pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP.

regem as possibilidades das interações das crianças, entre si e com os outros membros da sociedade. As culturas da infância transportam as marcas dos tempos, exprimem a sociedade nas suas contradições, nos seus estratos e na sua complexidade. (Ibid., 2002, p.04)

Assim, o autor português nos alerta para as questões relacionadas ao lugar da criança na produção cultural, que de um lado se estabelece a partir das *formas culturais produzidas para as crianças* e do outro, *nas formas culturais produzidas pelas crianças*.

Ao propor uma antropologia da criança Clarice Cohn (2005) nos traz os argumentos necessários para se pensar a infância no contexto das ciências sociais. Segundo sua proposta, àquela imagem negativa construída em relação à infância a partir da cisão mundo adulto / mundo infantil, deve ser combatida para que se possa refletir substancialmente o que é a infância ou o que significa ser criança.

Se quisermos realmente responder àquelas questões, precisamos nos desvencilhar das imagens pré-concebidas e abordar esse universo e essa realidade tentando entender o que há neles, e não o que esperamos que nos ofereçam. Precisamos ser capazes de entender a criança e seu mundo a partir do seu próprio ponto de vista...Não podemos falar de crianças de um povo indígena sem entender como esse povo pensa o que é ser criança e sem entender o lugar que elas ocupam naquela sociedade – e o mesmo vale para as crianças nas escolas de uma metrópole. (Ibid., p.09)

O desafio então é “reconhecer na criança um objeto legítimo de estudo”. Para isso, faz-se necessário ver as crianças sob um novo ângulo, e não mais como “seres incompletos, treinando para a vida adulta, encenando papéis sociais enquanto são socializados ou adquirindo competências e formando sua personalidade social” (Ibid., p.21). Uma nova percepção sobre “as infâncias” é aquela que reconhece a criança como agente social, capaz de “ter um papel ativo na definição de sua própria condição”.

Segundo COHN (2005), reconhecer esse papel ativo da criança é aceitar que “ela não é um 'adulto em miniatura', ou alguém que treina para a vida adulta”. Ou seja, é assumir que “onde quer que esteja, ela interage ativamente com os adultos e as outras crianças, com o mundo, sendo parte importante na consolidação dos papéis que assume e de suas relações” (p.28). Para além da atividade socializadora, inegável na constituição de cada indivíduo, é necessário acrescentar que “a criança formula um sentido ao mundo que a rodeia”.

A *infância*, apresentada como o lugar da *criança*, tem como principal característica o fato de ser uma noção histórica e socialmente construída. A construção histórica do conceito de infância se inicia com a obra do historiador francês Phillipe Ariès, *História Social da Criança e da Família* (1973), cuja tese central aponta que a infância não é algo natural e universal, mas uma construção sociohistórica, exposta a mudanças e variações que devem ser abordadas pelo pesquisador. Ariès nos instiga a pensar antes uma compreensão do vir-a-ser criança, dadas as implicações sócio-econômicas e culturais da época em que se foca a pesquisa, para então, a partir daí, entender a criança no caso específico em que se trabalha, ou seja, o que significa ser criança para diferentes culturas, sociedades e condições de classe? Afinal, o que significa ser criança no Brasil? Mais especificamente, o que significa ser criança em um condomínio fechado de luxo do estado de São Paulo?

Isto é, para compreender a criança sob seu ponto de vista faz-se necessário entender antes o que significa ser criança no contexto onde ela está inserida COHN (2005), ou seja, que valores e elementos compõem o *sentimento da infância* em diferentes contextos sociais, culturais e, ainda, de condições de classe.

Esclarecida, parcialmente, essas questões, trago a seguir uma pequena contribuição teórico-metodológica para pesquisa com crianças, que tem como método, por excelência, a etnografia.

Pequenas contribuições teórico-metodológicas para pesquisas com crianças

“... que nós nos relacionemos com a criança através de um momento de construção, da recuperação da tessitura de uma “experiência vivida”, ou da prática “narrativa”, nos termos benjaminianos; que a constituição desta relação seja plena de sentidos, para todos os envolvidos, que esteja fundada não na posse imobilizadora de uma única verdade, mas na troca de visões de mundo e de sensibilidades”. (GALZERANI, 2002, p.65)”.

A vida é um “vir a ser” permanente. Essa consideração não pode ser deixada de lado quando tratamos de uma pesquisa sobre crianças. Ainda que ela fale mais sobre nós, adultos, que numa visão adultocêntrica julgamos sermos os detentores da completude social, cultural e biológica. Ela é o ponto de partida para desconstrução de uma visão adultocêntrica que reduz as crianças a meros expectadores, destituindo-as de sua racionalidade, ao mesmo tempo em

que projetam uma concepção *infantilizada* desta etapa da vida. De fato, as crianças se encontram em um território de potencialidades ligeiramente mais exacerbado em relação aos adultos, e é por essa razão que “não sabem menos, sabem outras coisas” (COHN, 2005: 33). Território de potencialidades aqui, não significa dizer que a criança é simplesmente uma tabula rasa, no sentido lockeano, um papel em branco, ou mesmo uma simples marionete no mundo adulto, mas sim, o contrário, significa aceitar que as crianças, de uma maneira geral, possuem uma capacidade de aprendizado mais intensa em comparação aos adultos. O fato de, atualmente, algumas crianças terem uma maior facilidade em lidar com aparelhos de alta tecnologia, até mesmo ensinando alguns adultos como utilizá-los, sintetiza e exemplifica essa criança potência.

A criança carrega consigo singularidades. E como podemos compreender as crianças se não somos crianças? Já que não mais nos encontramos nesse território de intensa potencialidade. Se tivermos a intenção de estudar as crianças, compreendê-las a partir de seu ponto de vista, devemos, antes de tudo, tentar fazer o máximo do retorno, pelo menos ao território da sensibilidade. Esse retorno tem como ferramenta chave à etnografia, que através de uma observação sensível, possibilita ao pesquisador mergulhar no universo infantil estudado, frente aos limites e as possibilidades de se alcançar uma proximidade máxima com as crianças. Certamente, infringimos um fator irreversível, o tamanho físico bem maior em relação aos pequenos. Porém, isso pode ser parcialmente contornado se nos entregarmos as múltiplas expressividades presentes no grupo de crianças pesquisadas. No meu caso específico, a expressão predominante é a brincadeira. Qualquer hesitação em subir uma árvore ou pular um muro é motivo de diferenciação e, o mais grave, desconfiança. Entrar no jogo⁷, literalmente, é de fundamental importância para que a criança possa aceitar aquela pessoa grande com quem brinca. Assim, é a via dos sentimentos, aliada à etnografia, através de uma observação sensível, que podemos propor como método de pesquisa utilizado.

Uma observação participante sensível se fundamenta em uma escuta apurada, olhar atento, corpo liberto, ou seja, em sentidos desprovidos de limites, na medida do possível. “Os sentimentos são uma importante fonte de informação” (DEMARTINI, 2002, p.07), e eles podem e devem ser a via percorrida ao longo da pesquisa.

⁷ É de suma importância assinalar as questões éticas relacionadas à pesquisa com crianças, para isto ver CORSARO, William A. *Entrada no campo, aceitação, e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas* In Educação & Sociedade, Campinas, v. 26, n. 91, p. 443-464, mai./ago., 2005 e KRAMER, Sonia. *Autoria e Autorização: questões éticas na pesquisa com crianças* In Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 116, p. 41-59, julho, 2002.

Para poder estudar a criança, é preciso tornar-se criança. Quero com isso dizer que não basta observar a criança, de fora, como também não basta prestar-se a seus brinquedos; é preciso penetrar, além do círculo mágico que dela nos separa, em suas preocupações, suas paixões, **é preciso viver o brinquedo**. (BASTIDE, 1979, p.154, grifo meu).

Ao prefaciар o texto de Florestan Fernandes (1979) “As trocinhas do Bom Retiro”, o antropólogo francês Roger Bastide enfatiza, enquanto estratégia metodológica, a necessidade de um mergulho no universo infantil, já que em alguns contextos a distinção mundo adulto / infantil é claramente percebida e inevitável. Por mais que se preze pela ausência de uma distinção entre o mundo adulto e o mundo infantil, a diferenciação se torna clara quando, por exemplo, vamos a campo fazer uma pesquisa com crianças. Os métodos utilizados quando tratamos de adultos, dificilmente funcionariam com algumas crianças; uma simples entrevista, por exemplo. Os vários estudos sobre crianças, inclusive este, enfatizam e reafirmam isso quando sempre discutem antes sobre a metodologia empregada na respectiva pesquisa.

Quando tratamos de uma pesquisa com crianças precisamos ter um método mais apurado, mais denso, para sermos capaz de entender e acompanhar este universo que abandonamos inevitavelmente. E nesse movimento de busca metodológica, já constituímos uma distinção mundo adulto / mundo infantil. Afinal, estamos tratando de experiências sociais distintas e realidades sociais idem. Contudo, essa experiência não deve ser percebida do ponto de vista cronológico, isto é, quanto maior a idade da vida, maior a experiência. Sua medida é a experiência vivida sim, mas que é emoldurada por uma realidade social específica. Ou seja, uma criança de 06 anos, em determinadas circunstâncias de socialização e sociabilidade, pode não participar de um mesmo nível de experiência social que outras crianças de 06 anos participariam. É o caso, por exemplo, de algumas crianças moradoras de favelas espalhadas pelo Brasil, que trabalham, ou mesmo apenas têm um contato direto ou indireto com a criminalidade. Certamente essas crianças possuem uma experiência social distinta em relação às crianças do campo que trabalham em lavouras, assim como em relação às crianças moradoras de condomínios fechados de luxo.

Essa discussão traz outra. Será que podemos afirmar que as crianças dos três grupos citados possuem uma infância? Poderíamos configurar como infância as experiências dadas em uma certa etapa da vida? Tratamos então de distintas infâncias? De reinvenções da infância? Essas questões vêm para corroborar o que está implícito desde o início do texto, o quão complexo é estudar as crianças e *as infâncias*, da dificuldade de apreender essas noções. Contudo, não poderia deixar de trazê-las, já que elas norteiam a perspectiva etnográfica que percorro nesta pesquisa.

Uma infância na cidade e a cidade em uma infância

Se a intenção é discutir como as crianças moradoras de condomínios fechados constroem um “ponto de vista” em relação à cidade que está além dos muros, é necessário fazer um esboço de como as mesmas constroem um ponto de vista sobre a “cidade” que se encontra circunscrita pelos muros de concreto, já que tratamos de uma *infância exclusiva*, pois congrega crianças que são filhas e filhos de uma parcela da classe abastada paulista⁸. Essas crianças se deparam com uma realidade sócio-espacial que mescla elementos públicos dentro de um espaço que é privado. Dito de forma mais esclarecedora, esses espaços, em certa medida, condicionam essas crianças a viverem suas infâncias de uma forma peculiar em relação à cidade. É importante destacar que, para além da violência urbana, os pais justificam a opção por esses modelos de moradia como forma de proporcionar a seus filhos uma *infância plena*. O que significa e como se configura essa *infância plena* é o que tento descrever neste tópico.

Pais tranquilos, filhos alegres. E a ludicidade surge como o alicerce para a *infância plena* idealizada por esses pais. O condomínio estudado possui uma ampla estrutura de lazer tanto para os adultos quanto para as crianças. Grande parte desta estrutura se localiza no clube do condomínio, que se encontra na região intramuros do mesmo. Uma portaria com cancela separa o clube das 1.061 residências familiares, distribuídas em pequenas zonas ou bairros, chamados de residenciais. O Galpão da Recreação faz parte do espaço do clube, que também possui quadras poliesportiva, piscinas, academia de ginástica, brinquedoteca, restaurante, capela, salão de festas, um lago e uma grande área verde.

Tenho participado das atividades de lazer realizadas aos fins de semanas, dirigidas a crianças moradoras de um condomínio de grande porte do interior paulista. As atividades recreativas fazem parte das políticas de lazer para as crianças do condomínio, implementadas pela Associação de Moradores, têm como responsáveis um grupo de sete profissionais da educação física que se revezam aos sábados e domingos entre o Galpão da Recreação (para crianças a partir de 08 anos) e a Brinquedoteca (para crianças com até 07 anos) já há nove anos. Além da presença nessas duas atividades, tenho participado também dos eventos realizados ao longo do ano como: Páscoa, Dia das Mães, Aniversário da Recreação, etc. A priori, a pesquisa tem se concentrado nas crianças que frequentam o Galpão da Recreação, ou

⁸ Esse fato, por si só, já traz variadas particularidades para o processo de socialização dessas crianças.

seja, as crianças, meninos e meninas, de 08 a 12 anos⁹. A maioria das crianças com quem interagi, até então, são filhas de empresários, executivos de grandes empresas e professores universitários. Possuem variadas atividades ao longo da semana, como cursos de línguas e esportes (balé, natação, futebol, etc.).

Pela manhã, às 11 horas, quando se inicia a recreação, os pais entregam seus filhos aos cuidados dos “tios” e “tias”, como são chamados os educadores pelas crianças e pelos pais, às 18 horas, quando se encerram as atividades da recreação, chegam para pegar seus filhos; um atraso ou outro, e a “tia” tem que esperar mais uma hora para não deixar uma ou outra criança sozinha.

Aos poucos as crianças vão chegando¹⁰ ao Galpão da Recreação e o “tio” responsável articula as brincadeiras programadas para aquele mês. Brincando com as crianças ouço alguns relatos interessantes sobre a cidade além muros, muitas vezes travestido em um comentário preconceituoso ou aflito. Por exemplo, um menino de cerca de 10 anos justifica seu péssimo desempenho no *Pebolim*¹¹ afirmando que a culpa é de um de seus bonecos, que é “um deficiente físico e débil mental que não presta pra nada” (o boneco estava com as pernas quebradas, sem as pernas e uma parte da cabeça rachada). Uma das tias escuta e o repreende, mas ele persiste: “é uma porcaria mesmo ser deficiente”. A tia não insiste, acredito que percebe que não terá êxito e só enriquecerá um discurso intolerante. Em outra ocasião, um menino de mesma idade relata através de uma performance cheia gestos, que seria inconveniente possuir uma Ferrari, já que “na primeira esquina um bandido vai mirar uma metralhadora no vidro, assim...”.

Esses relatos direcionam essa pesquisa para aquela hipótese apontada no resumo deste trabalho, as crianças moradoras de condomínios fechados estão inseridas em um contexto sociocultural cuja captação de experiências encontra-se engendrada por mecanismos de reprodução social que legitimam formas de segregação e distinção (BOURDIEU, 1996).

⁹ O público que frequenta a recreação é flutuante. Isso significa que as crianças que circulam aos fins de semana no Galpão da Recreação nem sempre são as mesmas. Se em um sábado aparecem cinco crianças para brincar conosco, no dia seguinte podem aparecer vinte e dentre essas podem ou não estar aquelas cinco do dia anterior. Apesar desse fato, algumas crianças têm se destacado na pesquisa devido iniciativa própria de maior aproximação com a pesquisadora.

¹⁰ É interessante perceber que, apesar dessas crianças possuírem em suas casas um grande aparato de lazer privado, como vídeo game, piscina, computador, Internet, bicicleta, etc., elas se mostram motivadas quando brincam com seus pares nesses espaços.

¹¹ Tipo de futebol de mesa. É um jogo inspirado no futebol, que consiste em manipular bonecos presos a manetes, possibilitando “jogar futebol” numa mesa.

Os “sujeitos” são, de fato, agentes que atuam e que sabem, dotados de um senso prático, de um sistema adquirido de preferências, de princípios de visão e de divisão (o que comumente chamamos de gosto), de estruturas cognitivas duradouras (que são essencialmente produto da incorporação de estruturas objetivas) e de esquemas de ação que orientam a percepção da situação e a resposta adequada. (BOURDIEU, 1996:42).

Mas em que medida essa *reprodução social*, no sentido de Bourdieu, se fundamenta neste campo de estudo? Se a todo instante, a idéia é trazer elementos que apontem também para uma relativa autonomia desses indivíduos, ou seja, que eles são capazes de reelaborar aquilo que lhe é transmitido.

O sociólogo americano William Corsaro (1997) nos anuncia alguns elementos que trazem uma luz sobre essa discussão, quando trabalha em seu livro *The Sociology of Childhood*, o conceito de “reprodução interpretativa”. Por um lado, o termo *interpretação* indica os novos aspectos que surgem a partir da participação das crianças na sociedade, por outro lado, o termo *reprodução* significa que as crianças não apenas internalizam a cultura ao qual fazem parte, como também atuam na produção e transformações culturais. Esse conceito apresenta a capacidade criadora e participativa da criança através de “suas culturas de pares singulares por meio da apropriação de informações do mundo adulto de forma a atender aos seus interesses próprios enquanto crianças”, adicionando a essa idéia o fato das crianças estarem inseridas em contexto de reprodução cultural, ou seja, “as crianças e as infâncias são afetadas pelas sociedades e culturas das quais são membros”. Em suma, pode-se entender que o processo de socialização do ponto de vista da *reprodução interpretativa*, é marcado pelos elementos socioculturais que afetam a criança, caracterizando a sua condição de indivíduo que integra uma sociedade específica, assim como, essa mesma sociedade é afetada em seus aspectos sociais e culturais através da capacidade interpretativa da criança, que não só reproduz como também produz e adiciona novos elementos a sociedade ao qual está inserida.

A pesquisa em andamento, necessita dar passos mais largos e se aprofundar mais no universo dessas crianças, isso será feito através de algumas dinâmicas (elaboração de desenhos, grupo focal, etc.) que ainda serão realizadas, para a partir daí, discutir essas questões com mais profundidade.

Considerações Finais

Para Michel de Certeau (2001), “[...] o espaço é um lugar praticado” (p.202). A investigação que aponto procura compreender como esse espaço é *praticado* por essas crianças, como ele é *inventado*. Articulando-se a maneira como as crianças se apropriam dele e a maneira como os adultos estabelecem que elas devem se apropriar.

O que pude observar até então é que a cidade “extra muros” parece ser apresentada por seus pais, para elas, como um espaço descartado, um lugar danoso para a uma infância tranqüila. Já a rua, no contexto privado do condomínio, constituída como um espaço “público” idealizado, é entendida como o lugar da harmonia, onde a brincadeira com seus pares “iguais” é possível. Essas crianças são impedidas de experimentar a vida pública da cidade, contudo, experimentam uma outra “vida pública” que se desenrola em um contexto que procura excluir os males que compõem a cidade que está além dos muros.

Os trabalhos de Maria Filomena Gregori (2000)¹² e Hélio Silva & Cláudia Milito (1995)¹³, mostram que, por outro lado, a cidade e toda a sua dinâmica têm um papel fundamental e marcante para as crianças que habitam nas ruas das metrópoles. Esse dado mostra de forma mais concreta como as desigualdades sociais em seus vários níveis, alteram e/ou estabelecem formas específicas de inserção e ocupação do espaço da cidade, principalmente para crianças em condições sociais distintas.

¹² O livro *Viração: experiência de meninos de ruas* (2000), ressalta a posição atuante das crianças que vivem nas ruas da cidade, considerando ser “especialmente importante evitar explicações causais e buscar compreender as experiências e o universo material e simbólico em que elas estão imersas” (Ibid., p.18). Nessa pesquisa etnográfica, a autora nos mostra como essas crianças “meninos de rua” – o que nos remete a uma idéia de “menor abandonado”, “delinqüente” ou “criança em situação de risco” – têm um papel ativo na constituição de relações sociais, como também na elaboração de uma identidade de si mesmo e do grupo com quem compartilha suas experiências.

¹³ No livro *Vozes do meio fio* (1995) Cláudia MILITO & Hélio SILVA mergulham no universo de criança e jovens que vivem em determinados bairros da cidade do Rio de Janeiro. A intenção maior da pesquisa é discutir sobre a realidade desses meninos e meninas de rua. Através de uma rica pesquisa antropológica mostram como estes constroem suas relações com o espaço público da cidade.

Bibliografia

- ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2ª edição. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BASTIDE, Roger. Prefácio in FERNANDES, Florestan. *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. 2ed. Petrópolis: Vozes, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. 4ª edição. São Paulo: Papirus, 1996.
- _____. *O poder simbólico*. 7ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- CALDEIRA, Tereza P. *Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo:ed.34 / EDUSP, 2000.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- COHN, Clarice. *Antropologia da criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- CORSARO, William A. . *The Sociology of childhood*. Thousand Oaks Cal.; Pine Forge Press, 1997.
- DA MATTA, Roberto . *A Casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.
- FARIA, A. L.; DEMARTINI, Z. de B. F.; PRADO, P. D. (orgs.). *Por uma cultura da infância: metodologia de pesquisa com crianças*. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.
- GALZERANI, Marina Carolina B. Imagens entrecruzadas da infância e de produção de conhecimento histórico em Walter Benjamin in FARIA, A. L.; DEMARTINI, Z. de B. F.; PRADO, P. D. (orgs.). *Por uma cultura da infância: metodologia de pesquisa com crianças*. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.
- GREGORI, Maria Filomena. *Viração. Experiências de meninos de rua*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- NUNES, Brasilmar. F. Notas Teóricas para o Estudo de Classes no Meio Urbano. *Série Sociológica* nº 167, Brasília - DF, 1999.
- SARAIVA, Marina R. O. “Viver entre muros”: o privado com produtor de novas relações sociais. Fortaleza, 2006. Monografia (Graduação em Ciências Sociais - UFC).
- SARMENTO, M.J. Imaginário e culturas da infância In: *Cadernos de Educação*, Pelotas, v. 12, n. 21, p. 51-69, 2002.
- SILVA, Hélio R. S. & Milito, Cláudia. *Vozes do Meio Fio*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- SIROTA, Régine. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. In: *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, nº112, p. 7-31, março, 2001.
- VELHO, Gilberto. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea in ALMEIDA, Maria Isabel M. & EUGENIO, Fernanda (orgs.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.